



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio da nova linha de financiamento do BNDES no âmbito do Programa Pró-Caminhão**

**Rio de Janeiro-RJ, 09 de junho de 2006**

Eu vou me auto indicar para o Conselho Monetário Nacional, para atender à demanda do Furlan, já que eu não participo. Mas eu penso que nós vamos melhorando.

Eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro Demian Fiocca, presidente do BNDES,

Quero cumprimentar o Furlan, o Paulo Sérgio, Fernando Haddad,

Quero cumprimento o senador Marcelo Crivella,

A deputada federal Elaine Costa e Jandira Feghali,

O deputado Antonio Biscaia e o Sandro Matos,

Quero cumprimentar todo o corpo de dirigentes do BNDES,

Seus funcionários,

Quero cumprimentar os diretores da Anfavea, que estão aqui presentes, que eu não sei por que não estão na mesa,

Quero cumprimentar os caminhoneiros, que eu também não sei porque não tem um representante aqui na mesa,

Cumprimentar o nosso companheiro Neto, presidente da CGTB,

Cumprimentar os jornalistas,

E dizer para vocês que nós estamos aqui, hoje, realizando um desejo de muita gente no Brasil. Há muito e muito tempo que eu participo de discussões, ainda antes de ser presidente da República, já no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, muitas vezes nós discutimos como renovar a frota de caminhões e de carros no Brasil, já que nós temos uma frota com idade média muito avançada.



E isso não é lucrativo para o Brasil, não é ambientalmente correto para o país, não é economicamente viável para o dono do caminhão, não é economicamente viável para as estradas brasileiras.

Então, era preciso encontrar um jeito de fazermos com que o motorista brasileiro, sobretudo o motorista autônomo, pudesse renovar o seu caminhão, pudesse trocar o caminhão. Depois, nós nos deparamos com um programa que fizemos e não deu certo. Se não deu certo é porque, possivelmente, o financiamento não fosse acessível, possivelmente os motoristas não se interessaram, possivelmente a indústria automobilística não se interessou. O dado concreto é que nós estamos tentando encontrar, com esse novo Programa, uma forma de viabilizar uma idéia que é antiga e que é de muitos. Eu sei que é sonho de muitos motoristas e muitos caminhoneiros no Brasil ter acesso a um carro mais novo.

Mas além de todos os problemas de você construir um programa desses, um dia eu encontrei com o Mário (inaudível) e com outros diretores e disse: parece que a indústria automobilística não tem interesse, porque nós estamos querendo vender caminhões e parece que vocês não estão querendo encontrar uma fórmula para que a gente possa vender caminhões. E por que nós queremos vender caminhões? Além das razões de que nós precisamos melhorar a nossa frota, nós vamos gerar riqueza para este país, gerar emprego neste país, a indústria vai crescer e todo mundo ganha com isso.

Essas coisas não são fáceis de fazer, porque a teoria às vezes é tão simplista e tão fácil da gente falar que, na hora em que a gente tenta colocar um pouco de praticidade nas nossas teorias, a gente percebe que nós temos empecilhos e mais empecilhos. Por exemplo, a engenharia de tentar fazer *leasing* é por conta de que a interpretação da justiça é de que o caminhoneiro não pode dar o seu caminhão como garantia, porque é um bem de sustento da sua família. Do ponto de vista teórico está perfeito, mas do ponto de vista prático, quem vai financiar quer garantia. E se o caminhão não pode ser



garantia, se a Justiça pode proteger, mas ninguém financia. Então, fica a Justiça maravilhosa protegendo o caminhão, que é o sustento do motorista e da sua família, e fica a empresa sem vender porque ela precisa de garantia para vender.

Então, foi um trabalho do BNDES, um trabalho do Ministério do Desenvolvimento, um trabalho dos caminhoneiros. Eu pedi ao Demian para que fizesse reuniões com todos os setores para que a gente pudesse fazer alguma coisa, não da nossa cabeça, mas que a gente pudesse fazer com que o filho que nascesse, fosse um filho coletivo, fosse uma coisa que interessasse a quem produz, a quem vende e a quem vai comprar esse caminhão. Parece que nós chegamos a uma engenharia que contempla, e vamos testar isso, porque nós estamos colocando os 500 milhões de reais. Deus queira que vocês gastem esses 500 milhões até o mês de outubro, porque o Demian vai ter que colocar mais 500, e depois, se precisar, vai colocar mais 500, porque o que nós queremos, efetivamente, é dar uma contribuição para a renovação da frota. Nós só não podemos dar caminhão de presente, mas facilitar o máximo para que vocês possam renovar a frota, é o objetivo do Programa, é o objetivo do BNDES. Eu tenho certeza que esse é o objetivo da indústria automobilística que precisa produzir, não apenas para exportar, mas para fortalecer o nosso mercado interno e nós vamos trabalhar para que as coisas aconteçam.

Já me levantaram um problema ali, que era importante que os bancos públicos entrassem, viu Furlan? É só uma coisa de conversar para ver se o Banco do Brasil, quem sabe BNB ou o Basa, possam participar como cúmplices nesse financiamento, para que a gente possa dar maior sustância e maior garantia a quem vai adquirir um caminhão novo. Bem, eu espero que estejamos fazendo a coisa certa, eu espero que não seja mais uma medida que não dê resultado.

Nós vamos testar e vai ter que ter uma certa propaganda, vai ter que ter um certo anúncio. Possivelmente, o próprio BNDES vai mandar uma carta para



cada proprietário de caminhão neste país, ou o Ministério dos Transportes, ou a própria indústria automobilística, ou os próprios sindicatos, ou as cooperativas, ou seja, agora é preciso fazer o povo saber que pode comprar caminhão com até oito anos de uso, com financiamento mais leve, com prestação mais barata, com juros mais baratos, para ver se as pessoas vão poder comprar. Então, o que nós estamos anunciando aqui hoje, só tem razão de ser se nós conseguirmos fazer com que o público interessado tenha conhecimento do produto que estamos colocando à disposição dele.

Então, eu quero cumprimentar todos vocês e dizer que esse é um processo, se amanhã a gente descobrir que precisa mais uma palavra, mais uma vírgula ou mais uns números na decisão, nós estamos prontos a fazer, porque o objetivo é, definitivamente, vender mais caminhões, renovar a nossa frota, e permitir que os nossos motoristas tenham mais tranquilidade e possam levar um pouco mais de recursos para casa no final do mês, porque vai economizar em óleo diesel, vai economizar em pneu e vai ganhar em velocidade. Isso tudo é importante para quem tem responsabilidade de quase 70% de tudo que é transportado neste país. A segunda coisa, meus companheiros, é que não poderia ser melhor o dia de hoje, termos este evento aqui no BNDES. Este BNDES, que é uma das coisas que mais orgulha aos brasileiros e, sobretudo, quem governa este país, porque é o banco de financiamento mais poderoso do Brasil, é o banco de financiamento mais importante da América do Sul.

O BNDES, obviamente, com os técnicos competentes que tem, porque eu aprendi a conhecer que tem técnicos da mais alta competência, da mais alta importância profissional, mas é preciso também, viu Demian, a gente começar a agilizar um pouco porque a máquina pública de um banco ou do governo tem determinados ritmos de funcionamento que às vezes é preciso a gente dar um pouquinho mais de corda para ela funcionar mais rápido.



Eu vou dar um exemplo: uma vez, não vou dizer para quem, nem quando, eu perguntei a um companheiro do BNDES: quanto tempo, em média, um projeto demoraria entrar aqui e ser aprovado. E eles me disseram que era por volta de 275 dias. Eu confesso a vocês que eu tomei um susto.

Eu acho que para dizer “sim”, pode até demorar um pouco, mas para dizer “não”, tem que ser rápido. Porque, se alguém ficar esperando 270 dias para receber um “não”, é melhor o “não” ser rápido. Essa era uma coisa que, quando o Guido assumiu a Presidência, eu falei: Guido, nós temos que agilizar isso, nós temos que ver como é que a gente faz para que o BNDES possa fazer com que o dinheiro flua com mais rapidez, para que a gente possa ter os grandes projetos deste país liberados. Muitas vezes as pessoas se queixam, não são poucas as pessoas que encontram comigo, desde cooperativas de trabalhadores rurais até grandes projetos: “está demorando muito, então vamos melhorar, está há dois anos lá e não sai”.

Eu acho, Bené, que era preciso a gente trabalhar um pouco para aperfeiçoar essa extraordinária equipe e esse extraordinário Banco de Desenvolvimento que nós temos, porque o BNDES não é apenas uma esperança do governo para o desenvolvimento, o BNDES hoje, é uma esperança para a América do Sul e América Latina, porque todo mundo fala: por que o BNDES é maior do que o BID? O BNDES é maior do que não sei das quantas, e às vezes a gente está financiando muita coisa lá fora, o que é extremamente importante. Tem gente que fala a bobagem de que o Brasil não pode financiar, o Brasil não só pode como tem a obrigação de financiar o desenvolvimento nos países que fazem fronteira conosco, porque nós temos a responsabilidade também com o crescimento deste país, com a segurança e com a paz aqui no nosso continente.

Então, eu acho que este momento aqui, é importante também por outras coisas. Nós estamos vivendo um mês interessante para o Brasil, acho que vocês estão acompanhando. Faz pouco tempo, eu vim aqui ao Rio de Janeiro



anunciar e participar do grandioso gesto da auto-suficiência do petróleo, um sonho acalentado por milhões de brasileiros durante décadas e, finalmente, a Petrobras anuncia ao mundo a auto-suficiência. Mais importante ainda, é que a Petrobras, no mês que anuncia a auto-suficiência, anuncia uma outra coisa que é uma revolução energética no mundo, que é o Hbio. O Hbio é um passo além do biodiesel. O biodiesel era um processo de transesterificação de um óleo vegetal transformado em biodiesel que a gente misturava no óleo diesel.

O Hbio agora é o óleo vegetal colocado diretamente na refinaria e refinado, que tira um óleo diesel de muita boa qualidade, sem enxofre, e que qualquer europeu ou americano pode comprar o nosso óleo diesel sem botar defeito. Ou seja, essa é uma revolução energética, sobretudo, porque nós temos muitas oleaginosas, a indústria automobilística, nós não vamos precisar cumprir aqueles prazos de até 2008, de 2%; depois até 2013, 5%. Vocês podem começar a estudar, meu caro, que logo, logo, nós vamos colocar 20% e não vai acontecer nada nos carros, pelo contrário, o carro vai ficar melhor, mais ágil, mais moderno, menos poluente. Ao invés daquele mau cheiro do óleo diesel, vai sair um cheiro de fritura boa, a gente imagina qualquer coisa que está comendo.

Eu acho que essa é uma revolução na área energética, eu tenho dito que o Brasil será a grande potência energética deste século. A minha tese é de que o Brasil perdeu oportunidades históricas, não foram poucos os momentos... eu estou aqui na frente da Maria da Conceição Tavares, não foram poucos os momentos em que este país parecia que ia dar certo e de repente desandava. Depois parecia que ia dar certo e de repente desandava. Porque este país, lamentavelmente, só é pensado de quatro em quatro anos.

A mediocridade política brasileira obriga que as pessoas só pensem até o final do seu mandato quando, na verdade, um país tem que ser pensado para 30 anos, no mínimo para 20 anos, para que possamos construir grandes projetos de infra-estrutura que podem mudar a base do desenvolvimento do



nosso país. E é isso que nós estamos tentando fazer, não só com a auto-suficiência do petróleo, mas com o biodiesel e o Hbio.

Esta semana, eu tive outro prazer extraordinário. Finalmente, o Ministério dos Transportes, o Ministério da Integração e o BNDES conseguiram, depois de dois anos e meio de brigas e brigas, de vai e volta, nós conseguimos a engenharia financeira para construir uma ferrovia de 1.860 quilômetros de extensão, ligando o Porto de Pecém ao porto de Suape, ou de Suape ao porto de Pecém, passando por Eliseu Martins no Piauí, para tirar a soja do sul do Piauí e do Maranhão, e ainda, logo logo, pegar a da Bahia e a de outros estados. Um projeto que vai custar 4 bilhões e meio de reais e, se não fosse o BNDES, certamente nós não teríamos montado essa engenharia financeira que vai permitir que o Nordeste brasileiro, depois da refinaria em Pernambuco e do pólo siderúrgico em Fortaleza, finalmente tenha a chance de, neste século XXI, deixar de ser o patinho feio da política brasileira, o patinho feio da economia brasileira, para se transformar numa região altamente desenvolvida, numa região que possa competir com qualquer outra região.

Nós não estamos pensando nisso também apenas por conta do Nordeste brasileiro, que é extremamente importante. No próximo dia 14 estarei vindo aqui no Rio de Janeiro para que a gente possa consolidar, junto com a Petrobras e junto com o Grupo Ultra, e certamente com um pouco de financiamento do BNDES, o maior investimento privado aqui no Rio de Janeiro, que é a construção do Pólo Petroquímico em Itaboraí, que será uma obra que marcará uma nova era no desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro. Além do Grupo Arcelor... do grupo Tyssen, que está aqui num investimento de 2 bilhões e 400 milhões de dólares para construir o seu pólo siderúrgico.

Também ontem, minha querida Maria da Conceição Tavares, o nosso amigo Fernando Haddad, ministro da Educação, apresentou uma quantidade de medidas para a educação que eu acho que muda a cara do Brasil nos próximos anos. E dentre todas as coisas importantes que foram anunciadas,



teve a Universidade Aberta, um pólo que vai começar com um tipo de ensino envolvendo 300 cidades no Brasil para a formação de professores, para que a gente possa garantir um processo de reciclagem. Me parece que são 90 mil professores por ano. Finalmente a gente vai poder cobrar do professor mais qualidade de ensino e o professor, com mais qualidade de ensino, vai poder cobrar dos governos municipais, estaduais e federal, mais condições de trabalho, mais salário, e tudo vai se ajustando conforme a vida nos ensina.

Mas, a notícia que eu acho extremamente importante, e eu tenho tentado dizer isso ao longo do tempo, é difícil porque é um tempo de maturação das coisas, quer dizer, tudo que você planta leva um tempo para colher. Não é fácil. Às vezes, a pessoa chega em cima da terra, não vê o brotinho da planta, e fala: “aqui não tem nada, isso não vai dar nada, isso aqui morreu.” E nós estamos num momento muito impressionante, muito interessante.

E hoje, minha querida Maria da Conceição Tavares, eu me deparo com a seguinte notícia: “a desigualdade social atingiu o menor nível desde o censo realizado em 1960.” Aí me deparo com outra notícia que para os pobres brasileiros a renda subiu 14,1%, ou seja, mais do que se nós tivéssemos crescendo no PIB chinês, numa demonstração de que é plenamente possível você compatibilizar com uma política fiscal séria, que faça com que você não perca o controle da economia, mas ao mesmo tempo você tenha uma política social muito forte. E a política social forte dá resultado, quer queira, quer não, quer as pessoas falem contra, um dia aparece. Não adianta. Se uma pessoa tomar café da manhã, almoçar e jantar, por mais desnutrida que ela estiver, um dia ela vai aparecer saudável e gordinha. Vai aparecer, não tem como esconder, você pode negar, mas um dia aparece. E é o que está acontecendo.

Ontem, a manchete era a seguinte: “94% das crianças brasileiras estão comendo três vezes por dia.” Vocês estão lembrados que, quando eu tomei posse, eu disse que se terminasse meu mandato e todo brasileiro tomasse café, almoçasse e jantasse, eu já teria cumprido com a missão da minha vida.





E isso vai acontecer. Vai acontecer por quê? Porque nós paramos de dizer algumas asneiras que, historicamente, eram ditas neste país, de que cuidar de pobre é gasto. Era proibido, neste país, cuidar de pobre. Já se dava “de barato” que uma parcela da sociedade estava fora do mercado. Essa parcela que estava fora do mercado, que não aparecia nem nas pesquisas para o consumo das lojas mais populares deste país, porque a propaganda brasileira era feita para 48% da população e não para a totalidade. Essas pessoas começaram a virar consumidores. Primeiro, começaram a ter acesso ao feijão, depois começaram a ter acesso ao arroz, depois passaram a ter acesso ao material de construção civil, passaram a ter acesso a outros benefícios que até então eram inalcançáveis para essas pessoas.

E o que aconteceu – que era uma máxima que aqui sei que tem muitos economistas que acreditam nisso – é que nós mudamos um pouco a regra do jogo, de que era preciso primeiro crescer, para depois distribuir. Vivemos isso durante 30 anos neste país. A lógica é a seguinte: não tem como distribuir se não crescer. Ora, obviamente que você não tem como distribuir se você não cresce, mas por menos que seja o crescimento, se você tiver uma política justa de distribuição, essa distribuição por si só vai permitir um crescimento. E é o que aconteceu no país.

Maria da Conceição Tavares, você não imagina quantas pessoas, que trabalharam comigo durante tantos e tantos anos, ficaram perplexas com o sucesso do crédito consignado. E o crédito consignado não era nenhuma idéia de esquerda. A conclusão era simples: se o país é um país capitalista, precisa de capital girando. E o povo tem que ter acesso a ele. O povo tem que ter acesso a esse capital. E o que está acontecendo é exatamente isso, o BNDES está emprestando mais para a pequena empresa, o BNDES está se interessando em emprestar dinheiro para cooperativa, o BNDES está colocando dinheiro... eu passei dois anos brigando para emprestar dinheiro para o microcrédito, era uma briga ideológica, empresta, não empresta, dá ou



não dá. Vamos dar gente, o dinheiro está aí, para que mofar e sentar em cima dele? Vamos liberar, vamos ver se o risco... e está provado que o pequeno que toma dinheiro, paga, porque o nome dele é o seu maior patrimônio e a maior garantia que ele tem, é a conquista de andar de cabeça erguida neste país.

Então, eu acho, meus companheiros caminhoneiros, empresários da indústria automobilística e funcionários do BNDES, eu acho que nós chegamos a um nível em que depende só de nós, não depende de ninguém, depende da fé que a gente tem, depende de Deus ser mesmo brasileiro e nos ajudar, mas depende só de nós.

Eu lembro que quando nós tomamos posse, logo no começo, o Brasil vivia numa corrida para vender dólar, para ver se diminuía o preço do dólar. Hoje, nós estamos comprando para ver se aumenta o preço do dólar. A gente corria todo ano para Washington para ver ser o FMI dava uma verbazinha para a gente acertar nossas contas. Hoje, nós estamos tranquilos, não devemos mais ao FMI, não devemos mais ao Clube de Paris, pagamos os títulos da moratória de 87, estamos andando nesse mundo de cabeça muito erguida.

Vocês sabem que a gente não pagava a ONU há quase oito anos? Quando eu fui fazer o primeiro discurso, eu falo primeiro, depois fala o Bush. Primeiro, fala o Kofi Annan, depois falo eu, depois fala o Bush. Esse foi o prêmio que nos deram para não deixar o Brasil participar do Conselho de Segurança quando a ONU foi criada mas, de qualquer forma, não é nada pequeno a gente falar primeiro lá. E aí eu fui alertado na hora pelo Celso Amorim: "Presidente, o Brasil está devendo para a ONU há quase oito anos." E eu estava com um discurso duro ali para fazer contra a guerra do Iraque, e eu comecei a falar e eu fiquei com medo do Kofi Annan falar: "baixinho, baixa o tom e paga a ONU primeiro." Graças a Deus ele não falou. Mas aí eu recebi o presidente da FAO no meu gabinete, o Diouf, que antes de falar bom dia, falou: "o Brasil vai ou não vai pagar a FAO?". Então, era assim que o Brasil funcionava.



Hoje eu posso dizer para vocês, as coisas estão arrumadas, a casa está arrumada, não precisa ter lixo embaixo do tapete. A coisa está consolidada para este país crescer, para este país fazer do século XXI o seu século. Se a Europa ganhou o século XIX e metade do século XX, os Estados Unidos ganharam o século XX, por que a gente vai deixar a China, sozinha, ganhar o século XXI? Por que a gente não assume para nós a responsabilidade de fazer deste país uma grande nação? E uma grande nação passa por política séria, passa pelo fato da gente não brincar. E eu digo sempre, a votação do salário mínimo no Congresso Nacional, ontem, não foi uma coisa séria, porque o que estava lá para ser votado era um acordo que tinha sido feito pela primeira vez na história do Brasil, com todas as centrais sindicais e todos os aposentados, representados pelas centrais sindicais. Aí, de repente, alguém resolve que aquilo pode ser bom eleitoralmente, votar favorável, colocar 8 bilhões a mais de gasto na Previdência que já está estourada em 40 bilhões. É, no mínimo, pouco respeitável com o povo.

Então, eu acho que se a gente não brincar, se a gente não ficar tentando proselitismo com a economia em época de eleição, se a gente não achar que o mundo termina amanhã, porque as coisas que nós fizemos, elas têm que ser feitas para os nossos filhos e nossos netos, não é só para nós.

Então, eu quero dizer para vocês, Demian, e quero dizer aqui para esse povo do BNDES, aos empresários: não haverá, eu estou dizendo isso já há um ano e vou repetir outra vez: não haverá, da minha parte, nenhum gesto que coloque em risco a seriedade da estabilidade da economia brasileira, a seriedade da política fiscal dura, por conta da eleição. As coisas serão feitas com a mesma tranquilidade que estamos fazendo até agora.

De vez em quando poderíamos fazer mais rápido, de vez em quando deveríamos fazer pouco, mas estamos conscientes dos passos que estamos dando. Estamos conscientes e sabemos que o Brasil precisa disso. Eu, como já vivi num país em que peguei a inflação a 80% ao mês, não era ao ano não,



80% ao mês. Eu me lembro que eu era dirigente sindical e que eu queria que o patrão me pagasse um salário semanal, o Marconi se lembra disso. Não dá para receber por mês um cidadão que não tem conta remunerada, a inflação come o salário num mês. Tinha prefeito, no estado do Pará e no Amazonas, que ia à capital pegar o dinheiro do município e pagava dois ou três salários adiantados, porque a inflação comia o dinheiro da prefeitura, não tinha banco na cidade para aplicar, e ele tinha medo de ir de barco buscar o dinheiro e ser assaltado no meio do rio Tapajós, no meio do rio Amazonas.

Então, hoje, foi muito sacrifício chegar à inflação no nível que ela está. Os economistas aqui sabem o que foi feito em 2003 neste país, ou seja, nós cortamos na própria carne o que tínhamos que cortar para garantir que a gente desse o passo seguinte, isso está garantido. Agora, nós não iremos voltar atrás, nós não iremos brincar, nós não iremos tomar nenhuma medida. De vez em quando as pessoas falam do câmbio. A minha sala é engraçada, minha sala parece uma sacristia, porque entra um que exporta e quer o câmbio um pouco mais alto, ele vira as costas, entra um que importa e quer o câmbio mais barato. Ou seja, eu acho que o câmbio tem que ser justo.

Eu digo sempre o seguinte: na campanha, eu andava pelo Brasil e todos os empresários falavam assim para mim: “Presidente, o câmbio tem que ser flutuante. Está bom, ele é flutuante. Ele agora está um pouco baixo, pode subir um pouco mais, pode ter equilíbrio, mas isso não será feito nem por decreto, nem por medida provisória e nem por presunção. Isso será feito com políticas ajustadas entre Tesouro e Banco Central, porque nós achamos que é assim que o Brasil vai ter respeitabilidade interna e externa, definitivamente.

Quando a gente é oposição, a gente pode gargantear, a gente pode blefar. Quando a gente é governo, a gente só pode fazer o que a gente pode fazer, porque se a gente prometer fazer e não fizer, o povo compreende logo que você não fez. E eu acho que nós estamos vivendo uma nova era, acho que o BNDES vive um novo tempo, acho que o país vive um novo tempo, então, eu



só quero dizer para vocês: vamos aproveitar, já que chegamos até aqui. E vamos continuar com o colete, não vamos atravessar nadando de forma esbaforida para morrer afogado, vamos dar braçadas devagar, vamos chegar em um porto seguro que este país merece.

Aos caminhoneiros, quando eu encontrar com vocês agora, pelo amor de Deus, não se queixem que não podem trocar de caminhão, porque agora vocês podem trocar de caminhão. A indústria automobilística, quando se encontrarem comigo agora, pelo amor de Deus, não chorem que não tem política para vender caminhão, porque agora tem política para caminhão. E ao povo brasileiro, que Deus o abençoe.